RECEBENDO GOMES DE FREITAS NO INSTITUTO DO CEARÁ

HUGO CATUNDA

Êste templo no qual vindes respirar as auras propícias à maior expansão do vosso espírito de investigador do passado, é também chamado, lá fora, a Casa dos Anciões.

Se, por um lado, vai nesta denominação um sentimento de respeito e admiração pela importância e gravidade dos estudos a que aqui nos dedicamos, há, por outro, um leve toque de ironia de certos arautos das faceirices literárias do tempo, dêsses que vêem sòmente na criação ficcionista e na extravagância de certas formas da expressão artística a única e perdurável manifestação do espírito criador.

Mas acontece que a anciania em nós enxergada pelo respeito de muitos e o daltonismo de alguns, bem longe está de medir-se pela pauta da idade biológica e dos seus degelos naturais. É que a idade do homem de espírito não se conta pelos anos que degradam a matéria, senão pelo que êles produzem nos domínios do pensamento criador e imaginativo. É uma contagem que não soma desgastes, antes multiplica, em perene renovação, os frutos copiosos que loirejam nas ricas searas da inteligência.

Vêzes muitas se tem dito que o espírito não envelhece. É um truísmo, mas está certo. Aí tendes a vida de Goethe que foi uma primavera aos setenta anos. A de Victor Hugo, um roseiral aos oitenta. O deslumbramento do mundo, o encanto de viver e sentir a juventude perene do espírito tanto pode estar na aurora de Byron, na adolescência de Castro Alves, quanto no sorriso sarcástico do velho Voltaire, na exuberância de Rui octogenário, como no ocaso esportivo e alegre de Bernard Show. Uns e outros viveram, por igual, na mocidade e na anciania, a plenitude jovem do ideal.

O que realmente justifica a denominação de Casa dos Anciões que nos empresta a consideração pública é a sabedoria da madureza

e da prudente reflexão que aqui adquirimos no estudo, na meditação, no avaliamento e na exegese dos fatos e das ações que fazem a história, na qual Cícero, o príncipe da eloqüência latina, viu a Mestra da Vida.

Aqui, pois, ninguém envelhece. Porque quem investiga o passado universaliza a visão e o conhecimento, renovando-se na dinâmica de um trabalho de profundidade, de fôrça redescobridora de um mundo realmente vivido e sofrido e dos seus reflexos no presente, vivendo, por isso, a plenitude dos tempos.

Não vos preocupeis, pois, Sr. Gomes de Freitas, porque, ingressando neste cenáculo, não renunciais a alacridade festiva da vida exuberante pelos ócios de um retiro remansoso que entre nós jamais encontrarieis. Porque o ambiente que aqui se respira é o mesmo que vitaliza as idéias e o pensamento, nos variados setores da atividade mental. Não exige lume para os que vão entrando na tarde da vida, nem cobre de neve o caminho dos que chegam.

Taine dizia que amava em Platão a antiguidade, porque a antiguidade era a juventude do mundo. Assim, devassá-la, inquiri-la não é parar enleado na bruma de onde ela ressurge; antes, pelo contrário, é abrir, digo, abrir clareiras, é avançar pelos caminhos da vida, buscando novas formas de conhecimento para os regalos da inteligência, sempre ávida de motivações para os seus deslumbramentos. É que a História, segundo o conceito de Ritter, não deve ser estranhada à vida. Ela seria, como acrescenta, uma obra essencialmente factual, acumulação morta de matérias, despida de espírito e interêsse se permanecesse estática e indiferente aos impulsos e estímulos da vida atuante e renovadora. Mas, ao contrário disso, libertando-se do empirismo secular, desvestindo a roupagem clássica, perdendo o sentido de simples narrativa e afeição didática que antes a conceituava, a História, como revelação do passado, evoluiu com a transformação do mundo e da cultura, daquele sentido limitativo para formas mais amplas e mais nobres, lastreada de conceitos filosóficos, alinhando-se, agora, com relêvo, no conjunto das ciências sociais, através da investigação científica, da moderna sistemática dos seus estudos, do avaliamento metódico das suas fontes, do senso crítico, das relações de causalidade, em consórcio íntimo com a sociologia, tanto pela riqueza do conteúdo informativo, quanto pela revelação dos valôres sugeridos à análise e interpretação dos fenômenos sociais. E aí está o sentido de renovação criadora dos seus estudos e da atualização de conhecimentos que implica gerados aos impulsos das mudanças culturais e pelos avanços tecnológicos, na vertigem do mundo contemporâneo.

É êste, pois, Sr. Gomes de Freitas, o clima que aqui tereis de respirar — clima de trabalho e de estudos, exigindo esforços e dedicações que sòmente podem dar a vitalidade do espírito e a lucidez do pensamento, sempre aptos ao desempenho das grandes obras da inteligência e do coração.

E, por isso, pequena não será a tarefa que vos aguarda na obra ímpar que o Instituto do Ceará, ao longo dos anos, vem realizando pelo maior enriquecimento do nosso patrimônio cultural, pelo prestígio das nossas letras, pelo culto e preservação da nossa história, pela interpretação das singularidades físicas e das características étnicas e sociais que nos condicionam a vida, face aos rudes e irremovíveis determinismos telúricos que nos subjugam.

E a certeza de que aqui bem desempenhareis as vossas tarefas resulta das vossas preferências intelectuais pelo estudo de cousas cearenses e da nossa história a que, com amor e entusiasmo vos tendes dedicado, através de inúmeros trabalhos publicados na Imprensa e na *Revista do Instituto do Ceará*.

Quando, dando expansão a esta vocação do vosso espírito, vos iniciastes nos estudos da história e da cronologia cearenses, o fizestes honestamente, dedicando-vos à pesquisa dos velhos documentos dos arquivos, buscando nesse trabalho de paciência e tenacidade identificar os fatos em si mesmos, com a preocupação de não deformá-los, mas antes de situá-los dentro da sua real perspectiva, da sua evidência e realidade. E assim, graças a uma farta colheita documental, valorizando datas, detalhes e episódios, muitas vêzes ainda ignorados ou deformados, chegastes a destruir lendas e mitos radicados na tradição oral, desfigurada pelas suas próprias contradições, com o que vindes contribuindo para um trabalho que se impõe de retificação de alguns dos nossos livros sôbre história do Ceará, infelizmente nem sempre fiéis à autenticidade dos fatos que registam.

A crônica histórica e social dos Inhamuns, do nosso sertão natal, muito ganhou, sem dúvida, com a vossa curiosidade investigadora, e aí estão, nos vossos trabalhos, a revelação dos fatos que no passado particularizaram aquelas terras distantes como teatro de lutas acesas e de acontecimentos rumorosos que enchem a nossa história.

Homem telúrico, tudo no vosso sertão agreste vos convida a comungar com a natureza e a fazer dela um objeto de culto e devoção panteísta. Há anos afastado daqueles cenários, guardastes, porém, a nostalgia cósmica, a lembrança sentida e amorável dos campos natais, dos seus vales, das suas ravinas, das suas várzeas e tabuleiros cheios de silêncios e, às vêzes de assombros, com a sua gente triste e poética, também cheia de bravura e canções, de crendices e misticismos. A paisagem distante e essas figuras que a povoaram, que a povoam ainda, estão, com efeito, presentes em todos os vossos escritos, — animadas, ingênuas e boas, em definições autênticas e vibrações vitais.

E êste vosso apêgo às cousas da gleba, êste prazer de esmiuçá-las e reproduzi-las com afetividade nos vossos escritos, vos levariam, fatalmente, à curiosidade de ir além de pesquisas, e inquirir fatos tão mais distantes, que deram colorido à nossa história e dramatizaram a vida do homem naqueles pagos sertanejos.

O vosso livro — *Inhamuns — Terra e Homens* — a ser lançado brevemente, regista-os com um luxo de detalhes e minúcias até então ignorados, focalizados à luz de uma farta documentação que repõe os acontecimentos na sua verdadeira dimensão, na sua autêntica historicidade. E daí a vossa afirmação como cultor da história, como cronista que rebusca no passado as ações e o comportamento que exalçam e enobrecem a vida dos nossos antepassados, e definem a importância do papel que, no alborecer da nacionalidade, desempenharam na nossa formação social e política. Tôdas aquelas impressões, tôdas aquelas figuras tão sentidas nos fatos remotos que fazeis ressurgir da noite dos tempos emprestam aos vossos escritos e ao vosso livro um sentimento profundo das cousas, uma lúcida visão retrospectiva daqueles páramos distantes que repassam emocionalmente na vossa imaginação realista, e sem os quais é impossível reviver evocativamente o vigor primitivo daquelas cousas que parecem escoadas na voragem dos tempos, daquelas cousas adormecidas na quietude das idades, através das quais chegais a descobrir valôres novos e nova correspondência entre a paisagem e as figuras humanas que a empolgaram.

E se elas retornassem à vida real, como ressurgem das vossas evocações sentidas, para contemplar êsses cenários que encheram de lutas e sacrifícios, de angústias e heroísmos, com os quais assentaram os fundamentos da nossa existência e da grandeza do progresso de que hoje nos envaidecemos, certo diriam como no verso de Quental:

— Nem foi demais o sacrifício e a dor...

Li algures que feliz é aquêle que, à maneira de Horácio, conserva sempre um sorriso nos lábios. É que o aedo romano evitava constantemente tudo o que perturbasse o equilíbrio da alma e o senso das cousas. É o nosso caso, Sr. Gomes de Freitas. Porque no exprimir os vossos conceitos, no debuxar os quadros do passado, nunca vos excedeis nos transbordamentos sentimentalistas do puro ufanismo, que exageram e até desluzem os contornos das suas tonalidades naturais, mas antes nos orientais pela medida justa e serena das cousas e dos fatos, conservando os tons da verdade e o equilíbrio das impressões. E é isto, sem dúvida, o que convém ao pintor de antiguidades que se revela no historiador honesto, para que possa traduzir com fidelidade o que nos legaram as gerações que foram para as gerações que hão de ser.

Sr. Gomes de Freitas:

Tôda a vossa obra no campo da historiografia, já assinalada pelo sucesso que vos abriu as portas ilustres do Instituto do Ceará, somada às vossas atividades na vida social e política, onde ocupastes funções de relêvo, desempenhadas com dignidade e fervorosa dedicação à nossa terra, como parlamentar, líder político, vereador e Prefeito da

capital alencarina, constituem o justo garbo com que vos projetais no cenário cearense, e agora no seio desta casa que vos recebe com o calor da sua cordialidade e os afetos da sua simpatia, para as comunicações fraternas do nosso convívio.

Com as modestas palmas da minha palavra, eu vos saúdo em nome do Instituto do Ceará que, vos empossando, o faz augurando-vos boa e fecunda tarefa nessa cadeira que vindes enobrecer.

Sêde bem-vindo!